

# ARMANDO CARDOSO E A OBRA DE ANCHIETA, À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)  
[leonardokaltner@id.uff.br](mailto:leonardokaltner@id.uff.br)

## RESUMO

Armando Eugênio Cardoso (1906-2002), na qualidade de filólogo e classicista, reeditou modernamente a obra de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597), ao longo do século XX, em um conjunto conhecido modernamente como *Monumenta Anchieta*, editado pelas Edições Loyola, cuja publicação ainda não se encontra de todo finalizada. Em nossa apresentação debateremos, a partir de critérios da Historiografia Linguística, a contextualização da edição das obras de Anchieta, descrevendo e analisando o processo de reedição moderna desse importante *corpus* do Brasil quinhentista, escrito em quatro línguas: latim, português, espanhol e tupi. Analisaremos as três edições do *poema epicum De GestisMendi de Saa* (1958, 1970, 1986) Nossa descrição e análise historiográfica será pautada nos modelos teóricos propostos por Koerner e Swiggers, em relação à análise da contextualização (*climateofopinion*), imanência e adequação teórica, analisando os metatermos empregados por Armando Cardoso em suas edições críticas.

### Palavras-chave:

Armando Cardoso. Historiografia Linguística. Monumenta Anchieta.

## 1. Introdução

Podemos considerar a Historiografia Linguística (HL) como um campo de investigação interdisciplinar entre a historiografia e a linguística, cujo principal objetivo é descrever e analisar historiograficamente o desenvolvimento do pensamento linguístico, tanto o científico quanto aquele que se desenvolveu em épocas anteriores à origem da ciência moderna (SWIGGERS, 2013; KOERNER, 1996). No presente artigo, analisaremos, a partir da HL, a obra de Armando Eugênio Cardoso (1906-2002), que, na qualidade de filólogo e classicista, reeditou modernamente a obra de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597), ao longo do século XX, em um conjunto conhecido modernamente como *Monumenta Anchieta*, editado pelas Edições Loyola, cuja publicação ainda não se encontra de todo finalizada.

Debateremos a contextualização da edição das obras de Anchieta, descrevendo e analisando o processo de reedição moderna desse importante *corpus* do Brasil quinhentista, que foi, originalmente, escrito em quatro línguas: latim, português, espanhol e tupi. Analisaremos as três edições do *poema epicum De GestisMendi de Saa* (ANCHIETA, 1958,

1970, 1986), o primeiro volume dos *Monumenta Anchieta*. Nossa descrição e análise historiográfica será pautada nos modelos teóricos propostos por Koerner e Swiggers, em relação à análise da contextualização (*climate of opinion*), imanência e adequação teórica, analisando, igualmente, os metatermos empregados por Armando Cardoso, em suas edições críticas.

Entre os fenômenos que podem ser observados pela HL estão as continuidades e descontinuidades do pensamento linguístico, também o paradigma da construção do conhecimento científico e as correntes acadêmicas que desenvolveram as ciências da linguagem (BATISTA, 2013; SWIGGERS, 2012). Entretanto, cumpre salientar que a descrição e a análise do pensamento historiográfico não devem ser pautadas em uma visão positivista do desenvolvimento científico. Dessa forma, no caso específico dos *Monumenta Anchieta*, analisaremos como as edições sucessivas do *De Gestis Mendi de Saa* demonstram que a pesquisa de Armando Cardoso oscilou ao longo das três edições, as quais se deram em contextos diversos, mas com um objetivo unificado de difundir a obra de Anchieta, sobretudo como patrimônio da cultura nacional no Brasil.

Dessa forma, em relação à HL, a pretensão de uma ideia de que o pensamento científico evolui conforme o tempo e as gerações de pensadores e cientistas, uma noção de progresso cronológico, deve ser evitada na descrição e análise. Interessa ao pesquisador, como objeto de análise historiográfica, o processo de continuidade e descontinuidade de constituição do conhecimento científico, assim como a mudança de paradigmas científicos, com a retomada ou o esquecimento de temas, a formação e a dissolução de redes de instituições, o que permite uma reflexão geral sobre a história das ciências e também do conhecimento científico (KUHNS, 2007). Como define Swiggers:

Pode ser definida como a disciplina (dentro do campo da Linguística [geral]) que visa proporcionar um relato descritivo e explicativo com base científica de como o conhecimento linguístico (ou seja, o que foi aceito num certo tempo como conhecimento, informação e documentação sobre questões relacionadas à língua) foi conquistado, e qual foi o transcurso do desenvolvimento desse conhecimento linguístico, desde o seu início até a era atual. (SWIGGERS, 2012, p. 38-9 *apud* LIMA, 2016 p. 3)

As edições da obra de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597) por Armando Cardoso no século XX constituem objeto de interesse da Historiografia Linguística em dois aspectos, primeiramente, pelo fato de ser o principal trabalho crítico e de interesse filológico para a reedição moderna, no século XX, de um dos principais vultos do Brasil quinhentista

sobre o pensamento linguístico, e, em segundo lugar, a própria obra de Armando Cardoso é fonte primária para pesquisadores contemporâneos, sobretudo os que não tiveram acesso aos originais empregados nas edições sucessivas. Dessa forma, ao analisar os metatermos e a metodologia usada no processo de edição das obras anchietanas podemos analisar o processo de recepção dos *Monumenta Anchieta*, por pesquisadores contemporâneos.

## 2. *As edições do poema epicum De Gestis Mendi de Saa (1958, 1970, 1986)*

A obra de S. José de Anchieta tornou-se conhecida para pesquisadores no século XX graças aos esforços de investigadores acadêmicos como Armando Cardoso e Hélio Viotti, que trouxeram ao público contemporâneo edições atualizadas com estudos acurados do *corpus* anchietano. Assim, a edição dos *Monumenta Anchieta*, projetada para ser concluída com dezessete volumes, editados pelas Edições Loyola, é a fonte mais completa para o estudo da obra e dos escritos quinhentistas de Anchieta. Já o interesse na obra de Anchieta ao longo do século XX foi pautado na construção de uma identidade nacional no Brasil, o que ficou patente na instituição do Dia de Anchieta, em 1966, por exemplo. A edição das obras de Anchieta acompanhou, portanto, esse percurso histórico, até a beatificação, em 1980.

O laborioso trabalho filológico, de levantamento de fontes, leitura de manuscritos, busca por documentos, tradução e análise das obras de Anchieta, feito por Armando Cardoso, no século XX, é fundamental para se analisar e compreender a sociedade colonial brasileira quinhentista, em seu processo de globalização, pelas navegações e pelo contato com as sociedades renascentistas dos reinos absolutistas europeus. É lugar-comum caracterizar o *corpus* anchietano por seu multilinguismo, afinal, o conjunto da sua obra registra textos em latim, português, espanhol e tupi. Dessa forma, cumpre salientar que no século XX, Armando Cardoso, como especialista, analisou e traduziu as obras nas quatro línguas utilizadas pelo “Apóstolo do Brasil”, realizando uma tarefa linguística e filológica interdisciplinar, para trazer aos leitores contemporâneos a singular obra Anchieta.

As obras literárias de Anchieta em língua latina são referentes à tradição da educação humanística portuguesa no Renascimento, ao Humanismo renascentista, principalmente dos primeiros anos de estudo no

Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1548 (TANNUS, 2008; RAMALHO, 2000). Os poemas escritos em latim por Anchieta registram os exercícios da área de Humanidades mais complexos na educação renascentista: a composição poética em língua latina, a fim de demonstrar o domínio das estruturas gramaticais, retóricas e literárias latinas, através de uma produção poética vinculada a um gênero textual, o que também se baseava na emulação dos autores clássicos. Esse exercício de composição poética em língua latina era considerado à época o último nível de proficiência em língua latina na educação humanística. A educação humanística portuguesa, à época do Renascimento, teria sido tradição herdada de contato com a tradição educacional francesa e itálica.

Através dos biógrafos de Anchieta, podemos constatar que sua educação se desenvolveu no contexto da educação humanística renascentista, tendo como escopo o aprendizado das Humanidades clássicas, sobretudo o ensino de latim, em sua educação linguística. A essa formação inicial, no Real Colégio das Artes de Coimbra, se acresceriam os ensinamentos de teologia na Companhia de Jesus, inclusive no Brasil. Dessa forma, Anchieta pode ser considerado um especialista nas Artes Liberais do trívio, i.é, da gramática, da dialética e da retórica em língua latina, curso análogo no Renascimento às Letras Clássicas atuais.

No século XVI, o estudo das línguas clássicas, o latim e o grego, e do hebraico, como língua sapiencial, era a base da educação humanística renascentista (NAVARRO, 2000). Nesse sentido, as obras literárias dos séculos XV e XVI escritas em uma das três línguas, as reedições de autores clássicos greco-romanos por humanistas, novos materiais didáticos, como gramáticas e dicionários, e outras obras que debateram a institucionalização do ensino, desde a infância até a universidade, são os principais objetos de análise para a HL, em relação à corrente de pensamento linguístico no Humanismo renascentista, no qual a obra em latim de Anchieta se insere.

A composição poética era tida como um dos exercícios finais para o estudo e emulação de autores clássicos, para marcar o domínio e a fluência em determinada língua, prática essa que se desenvolvia também com a gramaticalização das línguas vernaculares e a composição poética, como ocorrera com *Os Lusíadas* de Camões. Nesse contexto podemos compreender o poema *De Gestis Mendi de Saa* (Sobre os feitos de Mem de Sá) de Anchieta, como um exercício relacionado à educação linguística renascentista, pelo uso e pela expressão do latim, estando sua produ-

ção destinada ao meio universitário e acadêmico da Renascença, o público que teria tido o acesso ao ensino de Humanidades e às Artes Liberais.

A principal fonte textual do poema é sua *editio princeps*, primeira e única edição no século XVI, que veio a lume no ano de 1563, na tipografia da Universidade de Coimbra, editado por João Álvaro. Na edição não há o nome de Anchieta como autor, o que gerou uma pequena polêmica sobre a autoria do poema com Serafim Leite, historiador da Companhia de Jesus. Armando Cardoso atesta a autoria Anchieta através de comparação com outras obras do autor. Essa edição do século XVI é oriunda, provavelmente, de fonte manuscrita, enviada em carta por Anchieta para a família de Mem de Sá. No final do livro, são editados também versos de Francisco de Sá, filho de Mem. Editado em oitavo, com 50 folhas, 95 páginas impressas em 26 linhas, o poema quincentista ficou desconhecida da modernidade até 1954, quando Luís de Mattos encontrou um exemplar no Arquivo Distrital de Évora (ANCHIETA, 1997). Em 1997, uma edição fac-símile da Fundação Biblioteca Nacional no Brasil tornou o livro mais acessível a pesquisadores no Brasil atual.



Imagem 1. Frontispício da *editio princeps* de 1563.

A segunda fonte primária do poema é um manuscrito, sem título e não datado, que ficou conhecido pelo nome de *Manuscrito de Algorta*, cidade em que foi encontrado em um imóvel pertencente à família de Anchieta. Sua datação é imprecisa, variando de fins do século XVI até o

século XVII, segundo estimativas de Armando Cardoso. O manuscrito foi fotografado e as fotocópias enviadas ao Brasil, posteriormente, o original foi perdido em incêndio, restando apenas as fotocópias. Armando Cardoso utilizou o manuscrito para reconstituir as poesias em latim de Anchieta. Há uma versão do *De Gestis Mendi de Saa* no manuscrito. O título do poema, atribuído por Armando Cardoso não aparece em nenhuma das fontes originais, sendo citado, por um biógrafo de Anchieta, o jesuíta Simão de Vasconcelos, um certo poema *De rebus gestis Mem de Sá*. Armando Cardoso também reconstituiu o título *De Gestis Mendi de Saa* (ANCHIETA, 1986).

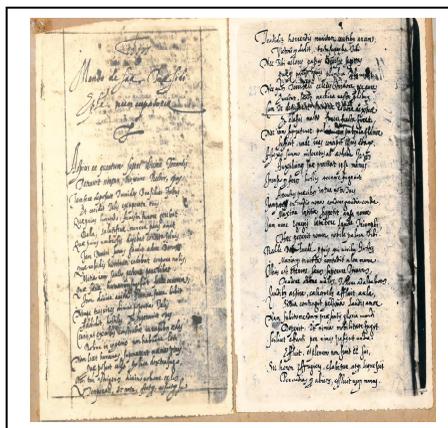


Imagem 2. Primeira página do Manuscrito de Algorta.

A primeira edição moderna do poema, elaborada por Armando Cardoso, foi publicada em 1958, pelo Arquivo Nacional. A única fonte textual utilizada na edição foi o *Manuscrito de Algorta*, tendo em vista o desconhecimento, à época da publicação, da *editio princeps* de 1563. Armando Cardoso editou o poema com o auxílio de José Zabala, acrescentando à leitura do manuscrito uma tradução poética do texto em língua portuguesa. O trabalho de crítica textual e ecdótica consistiu na transcrição do manuscrito, na atualização ortográfica do latim renascentista e na exegese do poema com capítulos introdutórios sobre a autoria do texto, a história do manuscrito e o conteúdo do poema, a que se acrescentariam comentários no final do texto.

Já na edição de 1958 se apresenta o caráter singular e o valor histórico do texto. Trata-se de uma epopeia em latim renascentista, cujo tema central é o Brasil colônia. O latim registrado demonstra o grau de

erudição de Anchieta, relacionado à política cultural, linguística e missionária da época em que atuou. Como primeiro texto literário do Brasil a ser publicado, inaugura a prática literária no século XVI, podendo ser considerado um texto participante da tradição do Humanismo renascentista português. Com a descoberta da *editio princeps* de 1563, o poema é anterior a *Os Lusíadas* de Camões.



Imagem 3. Edição de 1958, *De Gestis Mendi de Saa*.

A segunda edição do poema, em 1970, ocorreu no contexto do início do processo das edições das obras completas de Anchieta, os *Monumenta Anchieta*. Armando Cardoso e Hélio Viotti planejaram uma coleção com todos os escritos de Anchieta, sendo o *poema epicum De Gestis Mendi de Saa* o primeiro volume. A grande novidade dessa edição é que o texto estabelecido por Cardoso se valeu também da *editio princeps* de 1563, como fonte textual. A estrutura da edição permanece praticamente inalterada com os comentários e a introdução. São acrescentados alguns versos e alterados outros, tendo em vista que a comparação entre o *Manuscrito de Algorta* e a *editio princeps* demonstra algumas divergências entre os textos. O trabalho filológico, de ecdótica e de crítica textual, que levaria à comparação de variantes entre as fontes do poema deixa um pouco a desejar, mas a edição apresenta o texto latino completo, oriundo das duas fontes textuais, com uma acurada tradução poética.

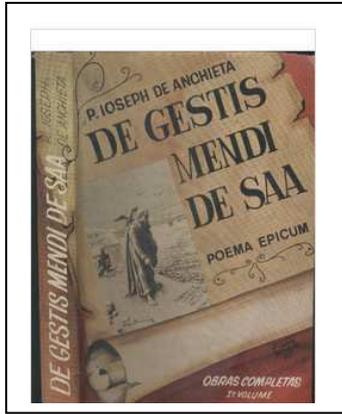


Imagem 4. Edição de 1970, *De Gestis Mendi de Saa*.

A terceira e última edição de Armando Cardoso do poema foi publicada em 1986, no contexto do processo de beatificação de Anchieta. Corrigindo os poucos lapsos da edição anterior, mantém o texto estabelecido original em latim e a tradução poética, sendo mais relevante nessa edição a série de livros que a sucedeu e que compõem outros volumes das obras completas de Anchieta. Com o avanço das edições, pode se aquilatar o valor multidisciplinar dos documentos do Brasil quinhentista, ainda que fosse apenas uma civilização colonial incipiente. A edição final apresenta pouco mais de três mil versos em latim renascentista, em que se faz notar a emulação de autores clássicos e um conhecimento teológico erudito, condizentes com a educação humanística renascentista, cultivada nos reinos absolutistas europeus.

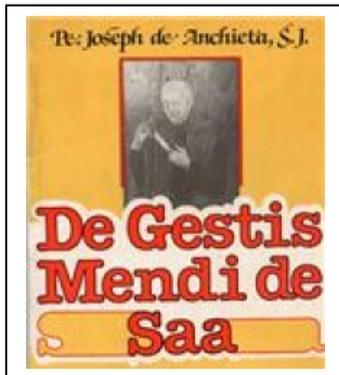


Imagem 5. Edição de 1986, *De Gestis Mendi de Saa*.

### 3. *Metatermos e critérios filológicos nas edições de Armando Cardoso*

A terceira edição, por ser a última, é a mais completa em relação aos comentários sobre os critérios filológicos empregados por Armando Cardoso, afinal, nessa edição, o classicista e filólogo descreve o processo de trabalho de crítica textual, com o *Manuscrito de Algorta* e a *editio princeps* das edições anteriores. É interessante notar que o trabalho de edição do *poema epicum De Gestis Mendi de Saa* não foi individual, mas desenvolvido em equipe, tendo levado décadas para chegar ao formato final.

Florentino Ogara foi o primeiro a encontrar o *Manuscrito de Algorta* e o estudar, no ano de 1928. Armando Cardoso utiliza o metatermo transcrição, para indicar a leitura de José Zabala do *Manuscrito de Algorta*. Dessa forma, foi Zabala e não Cardoso que transcreveu, inicialmente, o *De Gestis Mendi de Saa* do manuscrito, para a primeira edição em 1958:

A transcrição, que se apresenta do manuscrito, deve-se em sua parte ao R. P. José Zabala, que com paciência beneditina, se debruçou sobre esse 'rascunho' meses a fio, e anotou, além da transcrição, erros e lapsos do copista, correções do revisor, dúvidas e reflexões de toda a espécie. Só o intuito de respeitar mais o texto, quando este podia receber alguma explicação plausível, nos obrigou a não seguir inteiramente a transcrição do insigne latinista Jesuíta. (ANCHIETA, 1986, p. 65)

Esse processo de transcrever o manuscrito que gerou comentários sobre erros e lapsos do copista, correções do revisor e dúvidas de toda espécie, como cita Cardoso, infelizmente não aparece na edição final do poema, instigando o leitor a saber quais seriam esses comentários fundamentais para se compreender o processo de transcrição. O revisor que José Zabala cita é, provavelmente, Simão de Vasconcelos, cronista da Companhia de Jesus no século XVII.

Armando Cardoso atualizou a ortografia do latim encontrado no manuscrito, a fim de facilitar a leitura, porém, as atualizações são vagamente citadas, o que novamente leva o leitor à curiosidade de conhecer a grafia na época de Anchieta, da elaboração do manuscrito e da publicação da *editio princeps*, em 1563. A título de exemplo, podemos evidenciar a modificação dos ditongos: "Escrevemos sem *ae* as formas *frenum*, *fecundus*, *felix*, *femina*, *ceterus*, *pena*, *vesanus*, *festum*, *cera*..." (ANCHIETA, 1986, p. 64). A correção ortográfica facilita ao leitor contemporâneo, sobretudo o estudante de latim, um maior acesso ao texto de Anchieta, entretanto, para o interesse filológico, como uma análise do uso

do latim na Renascença, as informações da atualização ortográfica só ficam patentes em uma comparação do texto editado por Armando Cardoso em confronto com as fontes originais.

Como o *Manuscrito de Algorta* é anotado por um possível revisor, há casos em que podem ser encontradas três lições para a mesma passagem, a da edição de 1563, a do *Manuscrito de Algorta* e a do revisor que anota nas margens do manuscrito. A questão de variantes não fica explícita, tendo em vista que o objetivo da edição de Armando Cardoso não é cansar o leitor com notas filológicas e de ecdótica, mas antes difundir a obra de Anchieta em uma edição acessível e de prazerosa leitura. Como exímio latinista, Cardoso nos dá um relance de como se desenvolveu o trabalho filológico na edição, entretanto, apenas com uma comparação entre as fontes e o texto estabelecido, podemos reconstituir esse trajeto de décadas de pesquisa, para chegarmos a uma edição crítica do *poema epicum De Gestis Mendi de Saa*. Os *Monumenta Anchieta* não são apenas patrimônio da cultura nacional no Brasil, mas pelo caráter multicultural da obra, oriunda da educação humanística europeia, são documentos que registram o processo de globalização da era dos descobrimentos e navegações quinhentistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL ANCHIETA EM COIMBRA – COLÉGIO DAS ARTES DA UNIVERSIDADE (1548-1998). Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2000, 3 v.

ANCHIETA, José de. *De Gestis Mendi de Saa. Poema dos feitos de Mem de Sá*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1958.

\_\_\_\_\_. *De Gestis Mendi de Saa*. São Paulo: Loyola, 1970.

\_\_\_\_\_. *De Gestis Mendi de Saa*. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. *De Gestis Mendi de Saa*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Nacional, 1997.

\_\_\_\_\_. *Manuscrito de Algorta*, [s.d.].

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

KALTNER, Leonardo F. *Brasil e Renascença: uma cultura clássica na origem do Brasil*. Curitiba: Apris, 2011.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, 1996; n. 2: 45-70.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MOUTINHO, Murillo. *Bibliografia para o IV centenário da morte do Beato José de Anchieta, 1597-1997*. São Paulo: Loyola, 1999

NAVARRO, Eduardo de Almeida. O ensino de gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra sem tempo de Anchieta. Em: *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra 1548-1598*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2000, v. 1, p. 385-406.

RAMALHO, A. da Costa. *Estudos sobre a época do Renascimento*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura, 1969.

\_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, vol. I.

\_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, vol. II.

\_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, vol. III

\_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000, vol. IV.

\_\_\_\_\_. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, vol. V.

SWIGGERS, Pierre. Linguistichistoriography: object, methodology, modelization. *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*, v. 14, n. 1, p. 39-53, 2012.

TANNUS, C.A. K. Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal. In: *Calíope*, 16: 13-31, 2007.

VASCONCELOS, S. I., Pe. Simão. *Vida do venerável Padre Anchieta (1623)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

VIOTTI, S.I., Pe. Hélio Abranches. *Anchieta – o Apóstolo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1980.